TEKOÁ PORÃ: A ARTE DO BEM-VIVER NAS AMÉRICAS

ALAN ALVES-BRITO[1]
UFRGS, BRASIL
https://orcid.org/0000-0001-5579-2138

ISAEL DA SILVA PINHEIRO[2]
UFRGS, BRASIL
https://orcid.org/0000-0003-3124-2101

RESENHA

Kaká Werá. **Tekoá: uma arte milenar indígena para o bem-viver.** Rio de Janeiro: BestSeller, 2024.

Passados 532 anos da invasão europeia às Américas e 36 anos da promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 que reconhece, pela primeira vez na história do país, que povos indígenas são sujeitos políticos de direito — com organização social, territorial, costumes, línguas, crenças e tradições próprias —, as cosmologias e cosmopoéticas indígenas nas Américas e, em particular, no Brasil, seguem sendo tratadas com indiferença, sob a agência de práticas racistas de apagamento, inferiorização e desumanização hierarquizante, de viés neocolonialista.

[1] Doutor em Ciências (USP). Possui especialização em Literatura Brasileira (UFRGS) e realiza doutorado em Educação (UFRGS). Professor no Instituto de Física da UFRGS. E-mail: alan.brito@ufrgs.br
[2] Doutor em Educação (UFRGS). Bolsista de pós-doutorado pela rede Baobá: inspirações para o enraizamento de políticas afirmativas em programas de pós-graduação.

Apesar disso, como parte importante das lutas históricas dos Movimentos Sociais Indígenas Educadores (Munduruku, 2012), temos assistido nos últimos anos no país um número crescente de obras escritas por indígenas (Krenak, 2019; Jecupé, 2020; Xakriabá, 2020; Núñez, 2023), em que as suas perspectivas cosmológicas e ideias eficazes *para adiar o fim do mundo* (Krenak, 2019) têm sido trazidas, pela escrita, para um público mais amplo. É nesta tradição e desde o interior de debates, movimentos decoloniais e interculturais que situamos o livro *Tekoá: uma arte milenar indígena para o bem-viver*, de Kaká Werá Jecupé. O livro tem 172 páginas, conta com um prefácio, uma introdução, 12 capítulos, um apêndice, uma leitura complementar e as referências bibliográficas.

Em seu prefácio, Cláudia Dias Baptista de Souza, conhecida como Monja Coen, budista e missionária oficial da tradição japonesa Soto Shu no Brasil, destaca acertadamente a sensibilidade de Kaká Werá ao traduzir a pureza e a beleza da vida, uma delicadeza marcante do *bem-viver* Guarani. A Monja Coen recupera, na escrita do autor, os vestígios da natureza em seu estado mais puro, em uma interligação entre humanos, não humanos e extra-humanos por meio da Mãe Terra, da Irmã Lua e do Pai Sol. Ela recupera o sentido de família pautado na trama da vida e da existência.

Pertencente ao povo Tapuia, Kaká Werá Jecupé é escritor, educador e conferencista, um dos mais brilhantes escritores e pensadores (indígenas) do país. No livro *Tekoá: uma arte milenar indígena para o bem-viver,* ele apresenta uma reflexão profunda, a partir de modos de ser e de viver de povos indígenas, notadamente Guarani, sobre o papel do *ser humano* como guardião da Terra, destacando o compromisso ético ancestral de cuidado e nutrição dos mundos à nossa volta, desdobrando-o no espaço-tempo das experiências de vida. A escolha feita por Kaká Werá, ao se debruçar sobre a sabedoria dos povos originários das Américas para promover a autodescoberta e o devir indígena cosmopoético do *tekoá porã* (*bem-viver*), é não somente corajosa, mas necessária, sobretudo em um momento complexo da História do Presente em que as políticas de morte (Mbembe, 2019) têm se traduzido não apenas por meio de crises econômicas, sanitárias e socioambientais extremas, mas também por meio do acirramento do genocídio físico e epistêmico de povos indígenas, em uma flagrante *queda do céu* (Kopenawa, 2015).

No livro, Kaká Werá se expressa por meio de muitas palavras sagradas que formam um léxico semântico e filosófico que traduz o que há de mais sublime nas relações céu-território que povos indígenas têm mantido desde o período pré-colonial até os nossos dias. A escrita de Kaká Werá enuncia uma forma poética de olhar para as existências e resistências dos povos com quem conviveu.

Em linguagem erudita, porém acessível, o autor revela, a cada página do livro, um mundo de possibilidades e de diálogos que devemos exercitar com a natureza em busca do equilíbrio que combate a *cosmofobia*, um termo cunhado pelo tradutor de mundos quilombolas, Nêgo Bispo, para destacar as formas de aniquilação, por conta do medo, da diferença, e pelo apego ao armazenamento, à desconexão, expropriação e extração. A *cosmofobia*, para Nêgo Bispo, trata-se, no limite, do extermínio de corpos dissidentes dos sistemas opressores dominantes (Bispo dos Santos, 2023). Kaká Werá nos

aponta, com base em ensinamentos ancestrais indígenas, os caminhos para trilharmos outras trajetórias cósmicas, em que não seja mais necessário negar as suas origens e exterminar as relações mais profundas com todas as formas de vida na Terra, e no Universo, por meio da *cosmofobia*.

Ao longo do texto, Kaká Werá *caminha*, com fôlego intelectual, por entre vivências singelas e tocantes, imbuído de afetos pelos territórios indígenas que percorreu. O livro é belo, com suas ideias, formas poéticas e propositivas de ler, falar e viver o mundo por meio de saberes e fazeres que ressignificam o *pensar-sentir* e rememoram o passado-presente-futuro de forma filosófica, epistemológica, ontológica, cosmopolítica, estética e, principalmente, ética. No livro, ele narra múltiplos exemplos de outros modos de existir com a natureza, ancorado em soluções ancestrais para garantir a própria existência do planeta por meio da memória.

O texto é denso, contemplando questões históricas, antropológicas e espirituais marcantes para o entendimento da existência dos povos Guarani nas Américas. Trata-se já de uma referência importante para o campo dos estudos das dinâmicas e cosmologias das sociedades indígenas no país e, notadamente, das experiências Guarani e de outros povos das Américas. Há um mergulho pela psiquê do *ser indígena Guarani*.

Ao longo de sua escrita, Kaká Werá apresenta, com desenvoltura, conceitos chave que necessitam atenção extrema das pessoas leitoras para o aprofundamentos de seus significados e consequências políticas, bem como para o encadeamento das ideias com seus desdobramentos cosmológicos. Em cada um dos capítulos, o autor, de forma pedagógica, desvela as palavras sábias Guarani que sustentam o *tekoá*.

No primeiro capítulo, o autor problematiza o significado da palavra *tekoá porã,* alinhado ao princípio ético do lugar interior, do lugar que o indivíduo ocupa no mundo e do lugar como uma entidade coletiva chamada *comunidade*. Para manifestar o *bem-viver*, adverte o autor, será necessário o exercício do *bem-pensar* (ar), do *bem-sentir* (água) e do *bem-fazer* (terra), em um equilíbrio entre o corpo, o coração e a mente, em que cada um deles está atrelado a um elemento fundamental da natureza. As questões climáticas e socioambientais estão também colocadas como formas (*est-éticas*) que a natureza emana o *tekoá porã* para a humanidade.

No segundo capítulo, o autor destaca o lugar dos sonhos na vida Guarani. Sonhar abre portais intensos de comunicação *entremundos* (cosmopolíticas). A *Opy*, a casa de reza, é tratada como um lugar especial, um centro de forças com sua arquitetura que acolhe e amplia os sentidos e, o *bem-viver,* é visto como uma estratégia de cura para o mundo imperfeito. Segundo o autor, não é possível conceber a realidade apenas por meio dos cinco sentidos. É preciso cruzar o mundo imperfeito, sem medo, para, por meio da caminhada, alcançar o *Yvy Mara Eyye* (a Terra sem Males). A *caminhada* é um elemento crucial para as bases prático-teóricas de articulação do pensamento e do jeito de ser dos povos Guarani.

Corajoso, o autor destaca, no terceiro capítulo, a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), ou Guerra do Paraguai, como uma *catástrofe,* um ponto de inflexão cosmológica para os povos Guarani. A menção à Guerra do Paraguai é um dado histórico fundamental para entendermos, na atualidade, os conflitos territoriais que acometem muitos povos indígenas Guarani no Sul

e Centro-Oeste do país. Ainda nesse capítulo, o autor destaca que os corpos-territórios Guarani são música-espírito, dados e per-formados pela Natureza, considerada um princípio filosófico marcante. Nesse aspecto, o *nhanderekó* é a marca de vida dos Guarani, as suas formas de ser, estar e viver no mundo, a sua natureza mais íntima. A palavra é um ser em si mesmo com a qualidade que lhe é evocada. *Kuray* (a emanação), *Nhamandu* (o imensurável) e *Tupã* (a energia que vibra o som) são as entidades que criam a vida. E são os cantos (*nhemporã*) que fazem vibrar a comunidade. Novamente, enfatizamos a importância das palavras Guarani para descrever as realidades em que compartilham e comunicam suas vidas.

Nos capítulos de quatro a seis, Kaká Werá dá conta dos processos ritualísticos na vida Guarani. Ele problematiza as estratégias coloniais de nomear as pessoas e o mundo, destacando o *Nhemongarai*, um rito fundamental para nomear as crianças Guarani e, também, oito portais de preparação dos corpos para a vivência ritual. Cada canto do mundo tem, para o autor, uma relação direta com os astros. E, nesse sentido, as relações céu-território particulares da experiência Guarani são apresentadas. É neste capítulo que o autor traz discussões dilacerantes sobre o poder dos ritos na sacralização de objetos (arte) do dia a dia da vida em comunidade. Parte da discussão foca-se nas pilhagens epistêmicas históricas a que as populações indígenas têm sido submetidas, em que objetos sagrados são sequestrados das aldeias para *enfeitar* os museus ocidentais. A partilha é, segundo o autor, um rito sagrado importante para a sustentação comunitária. Para ele, não há como alcançar o *bem-viver* sem a dominação do *anham*, o senhor dos obstáculos. E, nesse aspecto, os rituais de internalização são cruciais para lidar com o *anham*.

O capítulo sete é particularmente tocante ao trazer em voga o tema da ancestralidade. Em sua semântica mais profunda, ela é vista como categoria importante para manifestar a arte do *bem-viver*. A ancestralidade é uma forma de reconhecer e valorizar a origem, a história e a identidade, um complexo de memórias que acontece e se expressa de distintas formas no ciclo de vida das pessoas. Ela é a força de cada pessoa à medida que toma consciência de si (e de sua história). As feridas da ancestralidade manifestam-se pelo *bem-pensar* (porta da mente), *bem-sentir* (porta do coração) e *bem-fazer* (porta motora). É preciso fortalecer a autoestima (o autoconhecimento) para não se tornar refém de memórias negativas. A camada de cada um, o *aguijé*, precisa estar fortalecida. Entre as cinco dimensões ancestrais, o autor destaca a genealógica (a linhagem familiar); a anímica (elementos primordiais do universo - terra, fogo, água e ar); a espiritual (sabedoria, amor e poder de criação); a cultural (pertencimento); e, por fim, a dimensão da polaridade (lidar com as feridas ancestrais).

Os capítulos de oito a dez trazem uma dimensão mais intimista, holística e simbólica da existência. Exalta-se a dimensão do coração, sendo que a *Opy* é o locus do coração, que pulsa vida aos corpos-territórios Guarani. Para o autor, não há como escutar o coração sem passar pelas três camadas do santuário interno, ou seja, a Mãe Terra (vitalidade do corpo); os *Nhandejara* (espíritos dos quatro elementos, que traduzem sons em emoções); e, a terceira, o Sol, que habita em cada pessoa Guarani. Kaká Werá discorre sobre as pessoas que perderam a sua sombra, ou seja, sua energia

vital, ficando vulneráveis a toda sorte de sacrilégios físicos e psíquicos. Segundo ele, a manutenção da natureza é importante porque é dela, e também do Sol, da lua, das estrelas e do cosmos — rede de crenças, valores e memórias — que a natureza vital é reforçada. A reza e a fumaça (sopros) do *petengá* (cachimbo sagrado) são cruciais para recuperar a sombra. O cocar é interpretado como símbolo do ápice do mérito para um guerreiro, uma prova de força e nobreza. Para além da estética do adorno, o cocar traz clareza, integridade pessoal e coerência das palavras. Além disso, o autor caracteriza um conjunto de emoções relevantes para a vida: *emoções positivas* (paz, alegria, amor e harmonia) e *negativas* (medo, raiva, tristeza e desamparo), ou seja, os *yvirá-nhanemô*, ou árvores de sentimentos, que cada pessoa tem. Ele argumenta que é preciso viver essas emoções com equilíbrio. O bem-fazer é a essência entre o falar, o sentir e o fazer mesmo. E, nesse sentido, há um triplo lugar para o *bem-viver*: o lugar-corpo; o lugar-ambiente e o lugar que ocupamos nas nossas relações.

Os capítulos 11 e 12 são emblemáticos, pois discorrem sobre a Terra Sem Males, um dos princípios mais importantes do modo de ser Guarani, que tem a ver com os deslocamentos desse povo milenar conectados à sua forma de caminhar, ligados às tarefas e funções da comunidade que, em última instância, são regidas pelo *bem-viver*. A Terra Sem Males, diferente das crenças cristãs demonizantes, é (pode ser), por exemplo, lugar para plantar os alimentos extremamente sagrados, como o milho, a mandioca, o amendoim e a batata, pois são alimentos que garantem a paz comunitária. Sem escassez de alimentos e problema de espaço, a *paz* é uma consequência natural. Notar que os conceitos de céu, paz e terra acionados no texto nada têm a ver com as lógicas cristãs. A *Yvy Mara Eyye* (a Terra sem Males) conecta-se com a *Yvy Katu* (a terra boa) onde nada tem fim, lugar de tranquilidade. A terra perfeita, morada das divindades. A busca pela *Yvy Mara Eyye* se faz para ter melhores condições de vida e para alcançar a paz espiritual. Para os Guarani, a *tekoá* supera o conceito de território, pois está associada a uma noção de mundo espiritual e celestial.

Com maestria, Kaká Werá discorre, alternativamente, sobre indicações de como experienciar o *bem-viver.* Por intermédio de exemplos sensíveis, de aprendizagens por meio dos ancestrais, ele nos ensina que não é o tempo que faz as coisas acontecerem, mas há um mistério junto com o tempo que faz a vida florescer. Nessa frase, a entropia do Universo no discurso hegemônico da ciência ocidental ganha uma outra conotação. Ordem e desordem são assim relativizadas, pois cada um é *palavra alma* que colhe o que planta e, se o plantio é livre, a colheita é certa, afirma o autor a partir do que ouviu dos mais velhos.

Além disso, Kaká Werá traz a *ayvu rapyta* como fundamentos do Ser que estão conectados aos princípios do *bem-viver.* São o *avyu* (círculo central), o *nheng* (círculo intermediário) e o *bô* (círculo externo) que inspiram o *bem-pensar,* o *bem-sentir* e o *bem-fazer*. Nessa inter-relação, os três mundos previamente citados influenciam os quatro princípios da vida: Mãe Terra; ancestralidade; hospitalidade e reciprocidade. Metodologicamente, para podermos viver de forma mais saudável, é necessário, segundo o autor, seguir os princípios das tradições das Américas: *nhandecy* (a terra como

mãe); *avó-Mokoi* (as três camadas da ancestralidade); *mbopi* (reciprocidade); e *puxirum* (cooperação).

No apêndice do livro, o autor apresenta as práticas do *nanduti* (desenvolvimento de sistema acurado de caça) e do sistema *amana* (sistema vivo que dinamiza a natureza), em que destaca oito padrões da existência: gerar, cuidar, crescimento, desenvolvimento, maturidade, envelhecer, morrer, transcender. Na perspectiva da cosmologia e da espiritualidade Guarani, os oito padrões da existência fazem parte das fases do desenvolvimento da identidade Guarani, das quais destacam-se: Preparação (*Ñepyrumby*); Gestação (*Hy'eguasu*); Nascimento (*Kyryingue*); Amamentação (*Okambu*); Socialização (*Oguatamaha'eño*); Integração ao trabalho (*Iguapohaguã*); Adolescência (*Kary'y há mitãkuña*); Jovem/Adulto (*Mitãguasu Hamitakuã*); Casamento (*Menda*).

Como leitura complementar, o autor apresenta a bela, comovente e sensível carta do Grande Chefe Seattle, em que a relação entre os indígenas dos Estados Unidos da América (uma síntese da experiência indígena no Planeta) e a terra é colocada de forma visceral, para além da noção de propriedade que perfaz as lógicas das pessoas genocidas do projeto colonial. A terra, para os indígenas, é vital e impagável, porque guarda os túmulos de seus mortos, em uma relação de vida-e-morte para além da vida física e dos apegos do mundo fugaz ocidental. A terra é a mãe e o céu é o irmão dos indígenas, portanto, a terra e o céu não podem ser comprados, saqueados, vendidos como ovelha ou miçanga cintilante, seja na cidade ou no campo.

Ao longo do texto, em diálogo com a ciência moderna e contemporânea e os modos de vida modernos, Kaká Werá fornece um quadro bastante preciso sobre os processos históricos e cosmológicos dos Guarani, destacando o seu lugar no mundo e a sua perspectiva sobre o universo, que não está desconectada de relações coloniais e neocoloniais empreendidas com os *juruá* (não indígenas) que invadiram os seus territórios. Ele destaca, assim, suas formas de ser e viver, que obedecem a lógicas próprias. Nesses movimentos e andanças apresentados, somos levados a percorrer a dinâmica territorial dos Guarani, compreendendo a centralidade de seu senso de território, de seu *tekoá*, cuja cosmoperspectiva se baseia no contínuo entre o *tempo-espaço das origens* (*Áry Ypy*), o atual (*Áry Ypyrã*) e o processo (já iniciado) de fim do mundo (*Ararapyre*). A cosmopolítica (conflitos *entremundos*) se coloca ao se analisar o agir e a competência dos *juruá* (não indígenas), por um lado, e o agir e a competência dos Guarani, por outro lado, implicando-os em formas distintas de se relacionar no universo, com humanos, não humanos e extra-humanos. A busca do equilíbrio, tão necessário, se relaciona com a busca do *bom viver*. E, nesse caso, os *tudjás* são fundamentais, como intérpretes da vontade das divindades, que ajudam a guiar os caminhos. Para os Guarani só há uma forma de alcançar uma vida boa: é buscar, incansavelmente, o *bem-viver*, marcado no próprio movimento dos deuses.

Em suma, o texto apresenta uma arte milenar indígena para o *bem-viver*. Os Guarani, apesar de todos os atravessamentos, não desistem dos seus *tekoá*. O livro se ressente, no entanto, ao não colocar explicitamente as dinâmicas do racismo como uma tecnologia social do

(neo)colonialismo. A agência da reterritorialização (neo)colonial é perversa e violenta, materializando um processo de invasão de fluxos e de demarcação da subalternização de humanidades indígenas que, alternativamente, sempre estiveram abertas aos *estrangeiros* (colonizadores). Os desdobramentos fronteiriços envolvendo os países da Guerra do Paraguai poderiam ter sido melhor detalhados em mais notas de rodapé explicativas. Em linhas gerais, o texto é excelente, cheio de referências e dados históricos e antropológicos que ampliam os horizontes sobre a temática. Por meio do léxico e das palavras Guarani, o texto mobiliza cosmopolíticas e deslocamentos epistêmicos e sensíveis, altamente necessários para compreendermos os problemas (e as soluções) que nos afligem em pleno século XXI.

Referências complementares

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: *Ubu Editora*, 2023.

JECUPÉ, Kaká Werá. A **terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio.** São Paulo: Peirópolis, 2020.

KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. **A Queda do Céu: palavras de um xamã Yanomami.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990).** São Paulo: Paulinas, 2012.

NÚÑEZ, Geni. **Perspectivas indígenas antirracistas sobre o etnogenocídio: contribuições para o reflorestamento do imaginário.** Psicologia & Sociedade, 35, e277101, 2023.

XAKRIABÁ, Célia. **Amansar o giz**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 14, p. 110-117, jul. 2020.

Recebido em: 09/01/2025* Aprovado em: 01/05/2025* Publicado em: 31/08/2025
